

POLÍTICA

Na véspera da Constituinte

O Congresso Nacional viveu ontem o seu dia de recesso mais movimentado em seus 27 anos de funcionamento em Brasília. Normalmente, o ambiente é calmo no recesso parlamentar, quando os turistas aproveitam para passear com suas crianças pelos longos corredores e salões, mas as vésperas da instalação da Constituinte, tudo se animou e a confusão foi grande. O clima é de festa e esperança, mas são os

parlamentares antigos e experientes que continuam dominando os bastidores das decisões. Na Câmara e Senado, as bancadas majoritárias do PMDB votavam as diretrizes para a Constituinte e para o funcionamento do Congresso, em ambiente agitado e polêmico, enquanto as rádios e televisões estendiam centenas de metros de fios, alto-falantes, antenas, caminhões, câmeras e transmissores. "Nunca vi coisa igual em legislaturas

anteriores. O peso da Constituinte e mesmo grande; com esta motivação acabou a história da cúpula impor suas ideias", comentava entusiasmado o deputado João Hermann (PMDB-SP), em meio a dezenas de seguranças e bombeiros que vigiavam o Congresso. As centenas de lobbistas que invadiram o Congresso acompanhavam interessados a movimentação, sempre procurando uma conversa reservada

com os constituintes, enquanto o deputado Ulysses Guimarães, garantia que irá hoje, às 10 horas, à reunião do PFL. "Vou comparecer para continuar na minha campanha final pela presidência da Câmara e da Constituinte". Se os paulistas estão bem ativos nos gabinetes, a campanha para os cargos da Mesa levou o deputado Amaury Muller (PDT-RJ) a colocar sua propaganda de campanha para a 4ª secretaria até nos banheiros

do Congresso. Entre os estreantes, o mais agitado era Antonio Brito (o ex-porta voz de Tancredo Neves) que procurava ganhar espaço entre os novos parlamentares. Veterano da Câmara, embora não tenha participado da última legislatura, o deputado Miro Teixeira afirmava que "Constituinte é sensacional: um recesso agitado desses anima qualquer um". O Congresso também foi palco de uma reunião do

Parlamento Latino Americano, enquanto o PC do B distribuía seu documento e os sindicalistas informavam sobre suas reivindicações que serão encaminhadas à Assembleia. As mulheres constituintes, por sua vez, se reuniram em separado, para discutir algumas discriminações. Do outro lado da praça, no Palácio do Planalto, a situação não é a mesma:

Um governo quase acuado

Não é cômoda a posição do governo, às vésperas da instalação dos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte. Criticado por forças e setores os mais díspares, envolto em contradições internas e hesitando na ação para debelar a crise econômica, o presidente José Sarney corre o risco de ver esse quadro transplantar-se para os debates constituintes. Aquilo que pode parecer o interesse oficial nas definições da nova Carta arrisca-se, pelo simples fato de parecer, a não ser aprovado e a levantar contestações. Exemplos: os seis anos de mandato presidencial, a preservação do presidencialismo, a prevalência da União na reforma tributária, a permanência das Forças Armadas na garantia da ordem interna, e outros.

Não deixa de ser irônico assistir, como assistimos esta semana, o ex-ministro Delfim Netto, o governador Leonel Brizola e o deputado Luís Inácio Lula da Silva falarem a mesma linguagem. Sem tirar nem pôr, eles dão a impressão de pertencerem a um mesmo partido, integrados num denominador comum de críticas veementes ao comportamento do Palácio do Planalto.

Delfim Netto chegou a Brasília disposto a colaborar e a não ocupar lugar de destaque no palco. Com humildade, pretende pagar o preço necessário, em tempo, à sua aclimatação a um poder de que nunca fez parte, o Legislativo. Mesmo assim, não está poupando o governo federal, ainda que procure, por enquanto, poupar a pessoa do presidente José Sarney. Fala que a Nova República é, antes de tudo, pecuniária, porque vendeu ao povo, e não pagou, a eleição presidencial direta, o congelamento de preços, a opção pelo social e a distribuição de renda. Se os empresários paulistas são acusados de desobediência civil, muito mais desobediente tem sido o governo, desde que lançou o Cruzado I, uma simples ilusão que o País é obrigado a pagar, agora.

Os Conflitos

Delfim não admite como o Ministério possa comportar-se tão conflitantemente, com cada ministro agindo de per si e contra os demais. Sua previsão é de desastre iminente, se não forem tomadas medidas objetivas. A economia ameaça desmoronar.

Pois outra não é a linguagem de Leonel Brizola. Em sua meteórica passagem pela Capital Federal, quarta e quinta-feira, jogou barro no ventilador e o barro colou em todas as paredes. Acusou a Nova República de ser um engodo, muito parecida com os bufões que distraem a platéia entre dois atos de uma peça dramática. Eles não conhecem o enredo e costumam até arrancar aplausos, pelas bufonices que fazem. No caso, o primeiro ato foi a Revolução de 64 e o segundo é ele mesmo, quando tomar o poder. Brizola não poupou o presidente Sarney e, em particular, foi muito mais virulento do que de público. Em entrevista coletiva classificou o chefe do governo de biónico e de incompetente, mas, depois, saiu-se com palavras impubescíveis. Disse que o Plano Cruzado II, da forma como foi editado, logo após as eleições e por decretos-leis, bastaria para justificar um processo de impeachment de Sarney, e que, por muito menos, o presidente Ronald Reagan enfrenta a ira do Congresso norte-americano.

Luis Inácio Lula da Silva fala menos, ainda que até mais grosso, e age mais. Está preparando manifestação sindical para os jardins do Congresso, domingo. Quer 20 mil sindicalistas agrupados de frente às paredes de vidro do Legislativo, certamente que não para aplaudir os constituintes. Ao contrário, para vaiá-los e pressioná-los. Mesmo que só consiga reunir 2 mil, a temperatura ficará quente. Está contra o pacto social, chama o governo de mentiroso e já forma com o grupo sequioso de ver interrompido o mandato do presidente Sarney. No que depende dele, a nova Constituinte mudará todo o arcabouço institucional do País, acabando de estatizar a economia e dando todo o poder aos sindicatos.

Não é de graça que essas coisas acontecem. Estivessem os três líderes referidos empenhados nessa linguagem há pouco menos de um ano e seriam repudiados por toda a opinião pública. Aliás, foram, pelo menos no caso de Brizola, que se meteu a criticar o Cruzado I. O diagnóstico da situação atual não é novo, nem sendo feito há algumas semanas, mas nem por isso perdeu a oportunidade.

Essas coisas acontecem por ter o governo deixado de governar. O Palácio do Planalto perdeu o controle da Esplanada dos Ministérios e o Executivo, como um todo, deixou de deter os controles da Nação. Não é mais respeitado nem infunde respeito. A conclusão óbvia está em que tudo isso refletirá na Assembleia Nacional Constituinte.

Carlos Chagas

Tecidos e retalhos com 50% de desconto.



SÓ HOJE

Liquidação Pernambucanas.

Hoje é a sua última chance de aproveitar as melhores ofertas em tecidos e retalhos da Liquidação Pernambucanas. 50% de desconto em todos os tecidos e retalhos com o símbolo da maçã. Não perca. Liquidação Pernambucanas. Está cada vez mais difícil resistir.

PERNAMBUCANAS